

Comunicação Científica: Teses e Dissertações enquanto Literatura Cinzenta¹

Anna Karolyne Souza MIRANDA²
Francisco Gilson Rebouças PORTO JUNIOR³
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação têm proporcionado mudanças profundas nos paradigmas de Acesso Aberto à informação científica nas últimas décadas, neste cenário a Comunicação Científica é brevemente apresentada enquanto campo de conhecimento, com seus conceitos e modelos para pensar o status cinzento de Teses e Dissertações como fontes e objetos de pesquisa. Apesar do extenso dissenso quanto a uma definição precisa para a ciência, a comunicação permanece como uma parte importante da prática científica, podendo ser considerada como constitutiva do próprio conhecimento científico (NIELSEN, 2012; GRIFFITH, 1989). Todavia, o sistema formal de Comunicação Científica, consolidado e amplamente adotado atualmente teve seu início no século XVII, através das sociedades científicas e suas publicações (SILVA; VANCE, 2017). Adotando um referencial anglo-saxão, Targino (2000) relata que o crescimento significativo da literatura científica acontecia de maneira desordenada no início do séc. XX fato que acarretava dificuldades na recuperação das informações. Este contexto motivou os primeiros estudos americanos em comunicação da ciência – estudos de usuário, durante os anos de 1940. O interesse pela temática continua nas décadas seguintes, no entanto, o foco é redirecionado dos estudos primariamente empíricos a uma abordagem teórica mais robusta. Exemplos dessa tendência teórica podem ser encontrados em trabalhos como os de Price (1963), Menzel (1966), Merton (1969), Garvey (1979) e Griffith (1989). Destaca-se o célebre artigo *Scientific Communication: five themes from social science research* de Hebert

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Mestranda em Comunicação e Sociedade na Universidade Federal do Tocantins UFT, Especialista em Métodos y Técnicas de Investigación Social pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales CLACSO e Faculdade Latinoamericana de Ciencias Sociales FLACSO Brasil. Email: annakmiranda@gmail.com

³ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia UFBA e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins UFT. Email: gilsonportouft@gmail.com

Menzel, publicado em 1966, que elenca cinco temas de interesse para as investigações na área: (1) uma visão sistemática da comunicação científica em qualquer disciplina; (2) vários canais podem agir em sinergia para a transmissão eficaz de uma mensagem; (3) a comunicação informal e não planejada executa um papel crucial no sistema de informação científica; (4) os cientistas constituem um público específico e (5) os sistemas de informação científica desempenham múltiplas funções. Estes direcionamentos exerceram notada influência em investigações posteriores. Também digno de nota é o trabalho de Garvey e Griffith (1967) que ao analisarem a Comunicação Científica enquanto um sistema social dinâmico identificaram meios formais e informais de comunicação servindo a diferentes funções, tanto no trabalho dos pesquisadores quanto na manutenção do próprio sistema. Ainda que seja por vezes questionada – como em Oliveira e Noronha (2005) que refletem sobre as alterações nos fluxos e modos dos meios formais e informais em decorrência do uso da internet, esta divisão se tornou clássica e é adotada em diversos trabalhos (ver FREITAS; LEITE, 2019; GOMES, 2014; PIKAS, 2006; MUELLER, 2000; TARGINO, 2000;). Ainda no início dos anos 1970 foram publicados os primeiros modelos de Comunicação Científica (UNESCO, 1971; GARVEY; GRIFFITH, 1972). Os modelos são representações esquemáticas dos fluxos da informação científica, para Gomes (2013) construções metodológicas de caráter hipotético-dedutivo, podendo ser elaborados como descrições da realidade presente ou vislumbres do que poderia/deveria ser o fluxo informacional. Por conseguinte a Comunicação Científica pode ser descrita e analisada ao longo da história a partir de seus modelos, esforço empreendido por Fernandes e Vilan Filho (2019; 2021) e Alves, Silva e Barreira (2017). Um modelo representativo é uma ferramenta importante não apenas para o exercício analítico e auto-reflexivo da ciência, mas serve também à elaboração de projetos de monitoramento da produção científica e criação de políticas públicas. Portanto, um modelo inadequado, defasado pelo tempo ou descontextualizado pode ocasionar inúmeros prejuízos. A virada do século representa um período de intensas mudanças tecnológicas que refletiram diretamente nos hábitos de cientistas e nos fluxos percorridos pela informação científica. Modelos clássicos continuaram a ser revisitados à luz das Tecnologias da Informação e Comunicação e novos modelos surgem a partir de diversas áreas. Todavia, apesar de os trabalhos monográficos com vistas à outorga de título acadêmico datarem

do século XII (NOBLE, 1994) raros são os modelos que contemplam os fluxos comunicacionais de Teses e Dissertações. O pesquisador Sueco Bo-Christer Björk (2007) trata do tema de maneira secundária e frisa que estes documentos constituem um canal de comunicação mais importante nas áreas de artes e humanidades, do que nas áreas de ciências, tecnologia ou medicina. Já Assis (2015) em sua dissertação a pesquisadora realizou uma investigação sobre as características dos sistemas de gestão de teses e dissertações eletrônicas no Brasil, levando em consideração o contexto do Acesso Aberto à informação científica. Ainda que o campo científico mantenha seu *modus operandi* próprio, tal avanço tecnológico tem possibilitado uma ampliação do acesso ao conhecimento, atrelada a uma redução considerável dos custos. Neste cenário, são os meios informais de troca de informação que tem passado pelas mudanças mais profundas (RUSSELL, 2001) através do surgimento de ambientes digitais, os quais têm sido apropriados tanto por instituições de ensino e pesquisa (COSTA, 2019), quanto por iniciativas privadas (MANCA, 2018). Neste contexto, discute-se o status de Teses e Dissertações enquanto fontes e objetos de pesquisa, sendo estes documentos historicamente classificadas como Literatura Cinzenta e identificados como pertencentes aos meios informais de disseminação da informação científica. Literatura cinzenta é a tradução literal do termo em inglês *Grey Literature*, utilizado para descrever uma ampla variedade de documentos produzidos fora dos canais tradicionais de publicação e que muitas vezes não são bem representados em bancos de dados de indexação. Estes documentos são produzidos nas instâncias de agências e órgãos governamentais, universidades e institutos de pesquisa, e também por agentes do setor privado (BOTELHO; OLIVEIRA, 2015). Esta investigação concentra seu foco nas publicações de cunho acadêmico, meio no qual o termo Literatura Branca, se firmou como designativo para as publicações dos canais formais, como livros e artigos de periódico, documentos que passam pelo crivo da revisão por pares (*peer-review/blind review*) ou de editores, possuindo status de qualidade e confiabilidade, em contraposição ao caráter informal da Literatura Cinzenta (POBLACIÓN; NORONHA, 2002; POBLACIÓN; NORONHA; CURRÁS, 1995). No entanto, existem divergências quanto às definições para a Literatura Branca, existindo autores que consideram como brancas apenas publicações produzidas dentro dos circuitos comerciais (GOMES; MENDONÇA; SOUZA, 2007), enquanto outros não relacionam a tipologia à

classificação, assumindo que os documentos tornam-se brancos quando são facilmente recuperados por mecanismos de busca (FUNARO; NORONHA, 2006). Tendo em vista que, a realidade material do processamento, catalogação e acessibilidade de documentos se alterou sobremaneira, especialmente após a popularização da internet. É notável que entre a década de 1970, quando as bases para as definições de literatura cinzenta foram firmadas através da conferência de York no Reino Unido, e o presente momento existe uma lacuna que enseja uma revisão da forma como estes materiais cinzentos são definidos (ASSIS; QUONIAM; ALVARES, 2019; SCHÖPFEL; RASULI, 2018). Tomando a acessibilidade como eixo central e seguindo a trilha do movimento internacional de Acesso Aberto à informação científica, as teses e dissertações representam um caso singular neste debate. Costa (2019) elenca iniciativas brasileiras nas décadas de 1970 e 1980 de controle sistemático e divulgação através de catálogos listando os trabalhos defendidos. A partir de 1996 o Sistema de Informação sobre Teses passou a estar disponível na internet como parte do Programa de Informação de Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação. Contudo ainda se tratava apenas de uma base de dados referencial, ou seja, os trabalhos completos não eram disponibilizados para acesso (SILVA; ALCARÁ, 2009). Um marco ocorreu em 2002 com o lançamento da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. O portal surge como parte de uma agenda internacional, sendo um agregador que integra os sistemas de informação de 127 instituições brasileiras de ensino e pesquisa e, após quase duas décadas de atividades, disponibiliza em seu catálogo cerca de 700 mil documentos completos disponíveis para download gratuito (IBICT, 2022). Todavia, a despeito dos avanços consideráveis nos processos de catalogação, armazenamento e recuperação ainda existem argumentos em favor da manutenção do rótulo cinzento em Teses e Dissertações como, por exemplo, a não padronização de critérios de produção e avaliação entre instituições e países. De acordo com Schöpfel e Rasuli (2018) existem um posicionamento amplamente compartilhado por autores, instituições e bibliotecários ao classificar o cinza como um atributo normal para documentos como relatórios ou artigos de comunicações em eventos, mas quando o foco recai sobre as Teses e Dissertações eletrônicas existe um dissenso e este rótulo se mostra mais como um desafio, um status provisório, dentro do fenômeno de transição para um paradigma de ciência aberta. Logo, a Literatura Cinzenta pode ser não apenas um conceito, mas uma

categoria analítica útil para descrever e analisar alguns problemas específicos relacionados com a confecção, publicação, compartilhamento, utilização e citação destes documentos, sendo primordialmente uma expressão ou indicador destas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Científica; Teses e Dissertações; Literatura Cinzenta; Acesso Aberto.

REFERÊNCIAS

ALVES, F.M.M.; SILVA, S.F. da; BARREIRA, M.I.J.S. **Modelos de comunicação científica no Brasil:** alguns subsídios. In: A Ciência Aberta: o Contributo da Ciência da Informação, atas do VIII Encontro Ibérico EDICIC. Universidade de Coimbra, 2017.

ASSIS, T.B de. **Gestão de teses e dissertações eletrônicas no contexto do acesso aberto à informação científica no Brasil.** 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação – Universidade de Brasília), Brasília – DF, 2015.

ASSIS, T.B de; QUONIAM, L.M.; ALVARES, L.M.A.R. *The Discussion in the Scientific Literature about Theses and Dissertations: “Are They Still Grey Documents”?*. In: IFLA WLIC_Grey Literature: Scholarly Communication in a Digital World, 2019, Athens, Greece.

BJÖRK, Bo-Christer. A model of scientific communication of a global distributed information system. **Information Research:** an international electronic journal. v. 12, 2007.

BOTELHO, R.G; de OLIVEIRA, C.daC. Literatura branca e cinzenta: uma revisão conceitual. **Ciência da Informação**, v.44, n.3, p.501-513, 2015.

COSTA, Belkiz I.R. **Visibilidade e impacto da literatura cinzenta produzida na Universidade Federal de Minas Gerais:** os impactos acadêmico e social das teses e dissertações. 2019. Dissertação (Mestrado em Gestão e Organização do Conhecimento – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais), Belo Horizonte – MG, 2019.

FERNANDES, H.D.H.; VILAN FILHO, J.L. **Fluxo da Informação Científica:** uma análise dos estudos e modelos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2019, Florianópolis. Anais [...] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

FERNANDES, H.D.H.; VILAN FILHO, J.L. Fluxo da informação científica: uma revisão dos modelos propostos na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 138-163, 2021.

FREITAS, M.A.; LEITE, F.C.L. Atores do sistema de comunicação científica: apontamentos para discussão de suas funções. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 273-299, 2019.

FUNARO, V.M.B. de O.; NORONHA, D.P. Literatura cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. In: POBLACIÓN, D.A.; WITTER, G.P.; SILVA, J.F.M. da (Org.). **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p. 215-234.

GARVEY, W.D. **Communication: the essence of science; facilitating information among librarians, scientists, engineers and students**. Oxford: Pergamon, 1979.

GARVEY, W.D.; GRIFFITH, B.C. Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings for psychology. **Information storage and retrieval**, v. 8 p. 123-136, 1972.

GARVEY, W.D.; GRIFFITH, B.C. Scientific communication as a social system. **Science**, v. 157, n. 3792, p. 1011-1016, 1967.

GOMES, C.M. Comunicação científica: alguns alicerces teóricos. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 18, p. 151-168, 2014.

GOMES, C.M. **Comunicação científica: alicerces, transformações e tendências**. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2013.

GOMES, S.L.R.; MENDONÇA, M.A.R.; SOUZA, C.M. de. Literatura cinzenta. In: CAMPELLO, B.S.; CENDÓN, B.V.; KREMER, J.M. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 97-103.

GRIFFITH, B.C. Understanding science; studies of communication and information. **Communication Research**, v. 16, n. 5, p. 600-614, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. Página Inicial. 2022. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: Abril de 2022.

MANCA, Stefania. ResearchGate and Academia.edu as networked socio-technical systems for scholarly communication: a literature review. **Research in Learning Technology**, v. 26, 2018.

MENZEL, H. Scientific communication: Five themes from social science research. **American Psychologist**, 21(11), p. 999-1004, 1966.

MERTON, R.K. **Behavior patterns of scientists**. American Scholar, Washington, v. 38, p. 197- 225, 1969.

MUELLER, S.P.M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B.S.; CENDÓN, B.V.; KREMER, J.M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

NIELSEN, K.H. Scientific Communication and the Nature of Science. **Science & Education**, Springer, 2012. DOI: 10.1007/s11191-012-9475-3.

NOBLE, A.K. **Changing Doctoral Degrees: an international perspective**. Society for Research into Higher Education, 1994.

OLIVEIRA, E.B.P.M.; NORONHA, D.P. A comunicação científica e o meio digital. **Informação & Sociedade**, v. 15, n. 1, p. 75-92, 2005.

PIKAS, C. K. **The impact of information and communication technologies on informal scholarly scientific communication: a literature review**. Prepared for LBSC878: doctoral seminar in information studies. USA: University of Maryland College of Information Studies, 2006.

POBLACIÓN, D.A.; NORONHA, D.P. Produção das literaturas “branca” e “cinzenta” pelos docents/doutores dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. **Revista Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 98-106, 2002.

POBLACIÓN, D.A.; NORONHA, D.P.; CURRÁS, E. Literatura cinzenta versus literatura branca: transição dos autores das comunicações dos eventos para produtores de artigos. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1995.

PRICE, D. J. de S. **Little science, big science**. New York: Columbia University, 1963.

RUSSELL, Jane M. La comunicación científica a comienzos del siglo XXI. Revista internacional de ciencias sociales, n. 168, La ciencia y sus culturas, 2001.

SCHÖPFEL, Joachim; RASULI, Behrooz. Are electronic theses and dissertations (still) grey literature in a digital age? A FAIR debate. **Electronic Library**, Emerald, 36 (2), p.208-219, 2018.

SILVA, P.U.K. de; VANCE, C.K. **Scientific scholarly communication: The changing landscape**. Springer International Publishing, 2017.

SILVA, T.E.; ALCARÁ, A.R. Acesso Aberto à informação científica: políticas e iniciativas governamentais. **Inf. Inf., Londrina**, v. 14, n. 2, p. 100- 116, 2009.

TARGINO, M.D.G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10, n.2, 2000.

UNESCO. **UNISIST: Study Report on the feasibility of a World Science Information System**. the International Council of Scientific Unions: Paris 1971. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000648/064862eo.pdf>. Acessado em: Abril de 2022.

NOBLE, K.A. **Changing doctoral degrees: an international perspective**. Society for Research into Higher Education, 1994.